

O PODER EXERCIDO NAS SOMBRAS: BERENGUELA A RAINHA-MÃE

TESSMER, Bruna C¹; JARDIM, Rejane Barreto²

¹Universidade Federal de Pelotas, graduanda do curso de licenciatura em História; ²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de História. bc.tessmer@bol.com.br; rejane.jardim@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A preocupação de fazer da rainha um exemplo de mulher era presente no período medieval. Existiam normativas jurídicas que indicavam quais eram as funções, os direitos e as obrigações dessas rainhas medievais.

As rainhas hispânicas seguiam os mesmos princípios de outras rainhas européias, já que muitas eram de outros territórios europeus.

No presente trabalho, estudaremos a rainha Berenguela que entrou para a História como um modelo de rainha-mãe. Berenguela nasceu em 1180 e era filha do rei Alfonso VIII e de Leonor de Plantagenet. Aos sete anos, sua mão foi pedida em casamento por Conrado de Rotheburg, como uma forma de realizar uma aliança matrimonial entre o reino de Castela e a Alemanha, mas o casamento foi anulado, pois Berenguela alegou que não havia consentido com o casamento, e, nesse momento e ainda hoje a Igreja pregava que um dos requisitos básicos para a aprovação do casamento era o consentimento de ambas as partes. Aos dezessete anos casou-se com Alfonso IX, rei de Leão, seu parente em terceiro grau, sem o consentimento da Igreja. Berenguela e Alfonso IX tiveram cinco filhos e, em 1204, o Papa Inocêncio III ordenou a anulação do casamento, mas considerou os filhos gerados na união como legítimos. Berenguela e Alfonso IX não queriam a anulação do casamento. Solicitaram a retificação da anulação, mas, o Papa Inocêncio III não atendeu ao pedido. Este Papa foi um dos mais severos em assuntos relacionados ao matrimônio. Com a anulação do casamento Berenguela voltou para a casa do pai e se dedicou a cuidar dos filhos.

Berenguela é apresentada em várias crônicas como *De Rebus Hispani* de Ximénez de Rada e na *Primeira Crônica General* (livros que retratam a história da Península Ibérica medieval), tendo sido retratada como uma mulher muito sábia.

Berenguela renunciou ao trono em favor de seu filho primogênito Fernando, mas esse fato não quer dizer que Berenguela tenha abandonado o poder, pois ela teve uma clara influência no reinado de seu filho Fernando III. Ao nos depararmos com esse fato surgem as perguntas: por que Berenguela renunciou ao trono em favor de seu filho primogênito Fernando? Por que preferiu ficar exercendo seu poder sombra de Fernando III?

2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para a realização do presente trabalho utilizaremos o estudo da biografia da Rainha Berenguela e nos apoiaremos nos *Estudos de Gênero*, onde as reflexões propostas por Joan Scott nos mostram o caráter social das diferenciações baseadas no sexo, assim ao estudarmos o universo feminino estaremos mergulhando no

universo masculino e assim perceber as marcas de gênero existentes nestas relações de poder.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Berenguela educou seu filho primogênito Fernando para um destino grandioso, e foi sua sombra ao longo de todo o seu reinado. Durante o reinado de Fernando III, Berenguela teve uma importante participação política formulando acordos para aumentar o poder de seu filho, tal como o acordo firmado em 1230 que tornou Fernando III rei de Leão. Outra forma de atuação na política de Berenguela foi o seu patrocínio a mosteiros e a construção de catedrais, fato este que mostra o poder político dela e das mulheres da nobreza em geral.

O grande protagonismo de Berenguela ocorreu através de seu papel como rainha-mãe, ela seguiu a política de seu pai e orquestrou importantes uniões matrimoniais para seu filho visando com isso preservar o poder de sua família e construir uma dinastia.

Ao renunciar ao trono em favor de seu filho Fernando, Berenguela mostrou uma espécie de *antifeminismo*, fato este também demonstrado ao firmar o acordo que tornou Fernando III rei de Leão, pois ela lutou para seu filho assumir o trono no lugar de suas irmãs por parte de pai (eram filhas de Alfonso IX com Teresa de Portugal). Acredita-se que essas atitudes de Berenguela se deveram à idéia geral sobre as mulheres vigentes na época, pela qual eram vistas como desprovidas de honra, como sendo más (tendo apenas algumas exceções de mulheres que eram consideradas boas e sábias). Assim, Berenguela acreditou que a melhor solução para manter o poder de sua família e contar com o apoio da Igreja e da nobreza seria passar o poder e a autoridade para um herdeiro legítimo, no caso um homem.

Outro fato que demonstra esse *antifeminismo* de Berenguela foi sua preocupação com a sexualidade do filho, logo após este ficar viúvo de sua primeira esposa, Berenguela logo tratou de procurar outra esposa para seu filho a fim evitar que ele pudesse se envolver com mulheres que não eram aceitas pela sociedade e pela Igreja, pois isso poderia causar a perda da nobreza de um homem e também porque desejava que seu filho seguisse todos os preceitos de um bom rei cristão, e não demonstrou essa mesma preocupação com seus outros filhos. Acredita-se que essa preocupação com a conduta de seu filho se deveu ao fato de Berenguela querer mostrar a todos que eram contra a coroação de Fernando (por considerá-lo filho ilegítimo, devido à anulação do casamento de seus pais) que ele possuía todas as qualidades de um bom rei católico, mesmo que para isso ela tivesse que se manter à sua sombra.

4. CONCLUSÃO

Para assegurar o poder de sua família Berenguela optou por não ostentar seu poder, ficando à sombra de seu filho Fernando III, apoiando-o incondicionalmente e firmando acordos para aumentar seu poder como rei. Podemos dizer que Fernando III governou pela mão de sua mãe Berenguela. Apesar de certo *antifeminismo* Berenguela teve um papel destacado na vida política do reinado de Fernando III e passou para a História como um exemplo de rainha-mãe,

e mesmo que à sombra de seu filho teve uma participação política importante durante o seu reinado.

5. REFERÊNCIAS

DUBY, Georges. **História da vida privada 2: Da Europa feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FUENTE, Maria Jesus. **Reinas Medievales: em los reinos hispánicos**. Madrid: La Esfera de los Libros, 2003.

Ginzburg, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Ginzburg, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRAIÑO, Cristina Segura. Las mujeres en la España Medieval. In.: GONZÁLEZ, Elisa Garrido (ed). **Historia de las Mujeres em España**. Madrid: Editorial Síntesis, 1997, p.115 – 214.

LIMA, Marcelo Pereira. **O matrimônio nas partidas de Afonso X e estudos de gênero: novas perspectivas pós-estruturalistas**. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v.14, n.17. p. 167 – 196, 2006.

RUCQUOI, Adeline. **La mujer en la Edad Media**. Cuadernos historia 16, Madrid, v. 262, 1985

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Editorial Estampa 1995.

VALLADOLID, Fernán Sánches de. Crónica de Alfonso X. Escrito en castellano, 1300 - 1400. Madrid. Disponível na *Biblioteca Virtual de Pensamiento Político Saavedra Fajardo*, www.saavedrafajardo.um.es.